

# As vírgulas não-convencionais em textos dissertativos produzidos em ambiente escolar: indícios de organização prosódica, evidências dos imaginários sobre a escrita

(The unconventional uses of comma in argumentative texts produced in school: clues of prosodic organization, evidences of writing representation)

Geovana Carina Neri Soncin<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista (UNESP),  
*campus* de São José do Rio Preto)<sup>1</sup>

gi.soncin@gmail.com

**Abstract:** This paper presents an analysis of the unconventional uses of comma in argumentative texts written by eighth-graders (last grade of Elementary School). In this paper, the specific goals are to show how the unconventional uses of comma are motivated by a prosodic organization, specially by prosodic boundaries, and also, how this prosodic organization gives evidence of writing representation.

**Keywords:** writing; prosodic phonology; comma.

**Resumo:** Este artigo apresenta uma análise dos usos não-convencionais de vírgula presentes em textos dissertativos escritos por alunos de 8ª série/9º ano (última série do Ensino Fundamental). Os objetivos específicos deste artigo são mostrar em que medida os usos não-convencionais de vírgula são condicionados por organização prosódica, em especial por fronteiras prosódicas, e, ainda, de que forma essa organização prosódica evidencia imaginários sobre a escrita.

**Palavras-chave:** escrita; fonologia prosódica; vírgula.

## Introdução

Neste artigo, temos como objetivo central analisar o uso não-convencional da vírgula em textos dissertativos escritos por alunos de 8ª série/9º ano do Ensino Fundamental. O uso não-convencional de vírgula é analisado de modo a responder dois objetivos específicos, a saber: (i) verificar em que medida os usos não-convencionais de vírgula estabelecem relação com a organização prosódica do Português Brasileiro (doravante, PB); (ii) a partir da análise prosódica, mostrar como os usos não-convencionais de vírgula indiciam imaginários construídos sócio-historicamente sobre a escrita. Este trabalho teve como hipótese inicial de pesquisa a premissa de que os usos não-convencionais de vírgulas estariam condicionados a fronteiras prosódicas.

## Subsídios teóricos

Para subsidiarmos a análise prosódica dos usos não-convencionais de vírgula, adotamos o modelo de Fonologia Prosódica proposto por Nespor e Vogel (1986). O modelo proposto pelas autoras consiste em uma representação fonológica que organiza hierarquicamente sete constituintes: o enunciado fonológico (U), a frase entoacional (I), a frase fonológica

<sup>1</sup> FAPESP (Processo 2009/11416-8).

( $\phi$ ), o grupo clítico (C), a palavra fonológica ( $\omega$ ), o pé ( $\Sigma$ ) e a sílaba ( $\sigma$ ). Os constituintes da hierarquia prosódica baseiam-se em diferentes tipos de informação linguística, assim, consideram informações puramente fonológicas e também e, principalmente, informações de outros componentes da gramática, como a morfologia, a sintaxe e a semântica; no entanto, a correspondência entre constituintes prosódicos e outros componentes da gramática não é necessariamente isomórfica.

Dentre os sete constituintes da hierarquia, dois deles fizeram-se relevantes para análise dos usos não-convencionais de vírgula:  $\phi$  e *I*. Com base em Nespor e Vogel (1986), (i) a  $\phi$  é definida pela união de dois ou mais grupos clíticos e se configura no domínio do sintagma, ou seja, engloba o núcleo sintagmático e o que a ele está ligado no lado não-recursivo de uma língua (no caso do PB, o lado esquerdo); (ii) a *I* é definida pela união de duas ou mais  $\phi$ s e se configura no nível da sentença, além disso, o contorno entoacional e a produção de pausas são de fundamental importância, uma vez que a variação desses elementos pode alterar os limites de *I*. Quanto ao nó mais proeminente, no caso do PB, no domínio de  $\phi$ , ele recai sobre o elemento-cabeça mais à direita; por sua vez, no domínio de *I*, por depender de informações semânticas, ele é mais flexível, podendo ser alterado de acordo com o foco dado a certa informação; no entanto, fora de circunstâncias particulares, o nó mais forte recai na palavra-cabeça da  $\phi$  mais à direita no interior de *I*.

Nespor e Vogel (1986) preveem também para esses constituintes a possibilidade de reestruturação. A reestruturação de  $\phi$  pode ocorrer quando, nos termos da sintaxe, o primeiro complemento do núcleo de um sintagma posicionado no lado recursivo de uma língua não é ramificado (cf. NESPOR; VOGEL, 1986, p. 173). Exemplos de  $\phi$ s reestruturada e não-reestruturada são, respectivamente, [um menino bonito] $\phi$  e [um menino] $\phi$  [bonito e inteligente] $\phi$ .

A reestruturação de *I* é caracterizada pela formação de *Is* menores a partir de uma *I* maior, desde que (i) a extensão da *I* seja relativamente longa, (ii) a velocidade de fala seja relativamente lenta e (iii) o registro seja caracterizado por maior formalidade. Existem ainda restrições sintáticas para a reestruturação de *I*, pois há a tendência de (i) privilegiar fronteiras de sintagmas nominais para a reestruturação, evitando que a reestruturação aconteça no interior dos sintagmas; (ii) respeitar a estrutura argumental, não separando um argumento de seu elemento regente; (iii) ocorrer reestruturação onde se inicia uma nova sentença no interior de um período, desde que a divisão em *Is* não interrompa a estrutura de um sintagma nominal.

Além de adotarmos o modelo de fonologia de Nespor e Vogel (1986), baseamo-nos nas descrições do PB baseadas no modelo adotado, feitas por Tenani (2002) e Fernandes (2007). Não traremos os resultados dessas pesquisas nesta subseção, pois a elas fazemos menção na seção de análise. No momento, esclarecemos apenas que Tenani (2002) investigou, com base em dados de fala controlada, a organização prosódica de sentenças neutras. Já Fernandes (2007), também com base em dados experimentais, investigou a organização prosódica de sentenças com foco prosódico no sujeito. Feitas essas breves considerações sobre esses dois trabalhos, passamos a especificar a concepção de escrita com que trabalhamos e de que modo vemos o funcionamento dos sinais de pontuação na escrita.

Assumimos com Corrêa (2004), fala e escrita como modos de enunciação e defendemos a relação de constituição mútua entre ambos, pois, por meio da consideração de que toda

prática social é em si uma prática de linguagem, não se torna possível dissociar a prática do fato linguístico que a determina. Desse modo, todo sujeito, ao enunciar, está inserido em práticas orais/faladas e/ou letradas/escritas, as quais são indissociáveis devido ao constante retorno às práticas de linguagem – sejam elas do campo do oral/falado ou do campo do letrado/escrito – que o sujeito é levado a fazer no momento em que se coloca na linguagem. Ao se inserir nessas práticas de linguagem, as quais são organizadas por diferentes instituições e suas regras, o sujeito não deixa de fazer representações sobre o seu próprio dizer, em especial, sobre a (sua) escrita.

Desse modo, de acordo com Corrêa (2004), a heterogeneidade da escrita pode ser observada por meio de três eixos de representação da escrita, construídos sócio-historicamente, os quais denunciam os imaginários do escrevente sobre a (sua) escrita. São eles: (i) o eixo da representação da gênese da escrita, em que se acredita que a escrita é representação fiel do oral/falado; (ii) o eixo do código escrito institucionalizado, em que se supõe que, ao escrever de tal forma, seja possível atender as expectativas das instituições e alçar à escrita ao que é tomado como institucionalizado; (iii) o eixo da dialogia com o já falado/escrito, em que se supõe que o texto que se escreve é um ato inaugural na história da linguagem, quando, na verdade, ele é produto do já dito/lido.

Corrêa (2004), portanto, conceitua o modo heterogêneo de constituição da escrita como “o encontro entre as práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito, considerada a dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido” (p. 9). E afirma que a heterogeneidade é inerente à escrita e não exterior a ela:

Tenciono, com essa aproximação, chamar a atenção para a convivência de marcas lingüísticas dessas práticas nos vários eventos discursivos, inclusive nos diversos gêneros escritos produzidos em diferentes níveis de escolaridade. Concebo, portanto, a *heterogeneidade como constitutiva da escrita*, e não como uma característica pontual e acessória desta. Noutros termos: *a heterogeneidade é, de minha perspectiva, interior à escrita e não exterior a ela*. (CORRÊA, 2001, p. 143-144, grifos nossos)

No que se refere aos sinais de pontuação, em especial à vírgula, nos ancoramos na multidimensionalidade dos sinais de pontuação, defendida por Chacon (1998). De acordo com o autor, os sinais de pontuação organizam, na escrita, um ritmo próprio definido pela alternância de diferentes dimensões da linguagem, a saber: as dimensões fônica, sintática, textual e enunciativa. Na perspectiva de Chacon (1998), que defende a multidimensionalidade dos sinais de pontuação, não é possível que apenas uma dessas dimensões adquira para si o status de organizadora dos sinais de pontuação e delimitadora do ritmo da escrita, pois há sempre uma relação de alternância entre as diferentes dimensões. Por assumirmos a visão do autor e concordarmos com ele, ressaltamos que a análise que fazemos dos usos não-convencionais de vírgula é uma forma de investigarmos mais atentamente a atuação da dimensão fônica na delimitação do ritmo definido pelas vírgulas, em especial no que diz respeito à sua organização em constituintes prosódicos. Fazemos, portanto, um recorte metodológico, o qual privilegia a dimensão fônica, para a investigação do nosso objeto de análise.

## Procedimentos metodológicos

Os usos de vírgula que analisamos são nomeados não-convencionais, pois são usos que, de acordo com as normas elencadas para os usos de vírgula por Rocha Lima (1986) e Cunha e Cintra (2001), obras que tomamos como referência para o levantamento de dados, estão fora das convenções. Chamamos atenção para o fato de que, embora tenhamos adotado essas gramáticas para o levantamento de dados, não está subjacente a este artigo fazer uma análise normativa dos usos de vírgula. Ao contrário, ao analisá-los, buscamos investigar as informações linguísticas, em especial aquelas que passam pela prosódia e aquelas que passam por certos imaginários sobre a escrita, que possibilitam, ou melhor, que poderiam motivar os usos não-convencionais, de modo tal que passemos a considerá-las e, desse modo, não nos limitemos ao olhar normativo. Neste artigo, especificamente, tratamos dos usos não-convencionais definidos pela presença da vírgula, ou seja, tratamos daquelas vírgulas que foram empregadas, mas que, de acordo com a convenção, não deveriam estar presentes em determinadas posições do texto.

Na análise prosódica apresentada, como será possível observar a seguir, as fronteiras e/ou domínios dos constituintes foram mapeados a partir da estrutura sintática das sentenças em que os usos não-convencionais de vírgula apareceram, pois, conforme afirma Jun (1998), de acordo com a hierarquia prosódica de Nespor e Vogel (1986), a exemplo de outros modelos prosódicos de abordagem sintática, prevê-se uma fronteira prosódica a partir da estrutura sintática de uma sentença.

Além de considerarmos a estrutura sintática, levamos em conta a construção dos textos em que os usos não-convencionais estiveram presentes a fim de verificar os possíveis eventos tonais relacionados às categorias prosódicas mapeadas. Não fazemos, portanto, na análise, afirmações categóricas sobre a realização dos eventos tonais, mas verificamos, a partir da observação dos textos do corpus, as suas possibilidades de realização. Com essa escolha metodológica, recusamos o procedimento de análise da gravação dos textos escritos ou pelos próprios sujeitos escreventes ou por quaisquer outros sujeitos, pois, em primeiro lugar, esse procedimento implicaria manter, em termos teóricos, a separação entre fala e escrita, negando a concepção de escrita adotada, a qual nos faz enxergar inseparavelmente o oral/falado no letrado/escrito. Em segundo lugar, a leitura não garantiria a veracidade da relação entre as vírgulas e os eventos tonais, pois pode haver vírgula num texto, mas, durante a leitura, não se realizar a pausa, por exemplo.

Os textos dissertativos a partir dos quais analisamos os usos não-convencionais de vírgula pertencem ao “Banco de dados de produções escritas do Ensino Fundamental”, em constituição na UNESP, câmpus de São José do Rio Preto. Esses textos foram produzidos por alunos de 8ª série/9º ano em 2008 a partir de propostas de redação elaboradas e aplicadas pela equipe do Projeto de Extensão Universitária “Desenvolvimento de Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual”<sup>2</sup>. Tal projeto acontece em uma escola estadual, situada em área residencial e periférica na zona sul da cidade de São José do Rio Preto, interior paulista.

---

<sup>2</sup> Esse projeto é credenciado e financiado pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEx) da UNESP e coordenado pelas professoras doutoras Luciani Ester Tenani e Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi.

## Usos não-convencionais de vírgula

No *cópus* investigado, foram encontrados e analisados 198 usos não-convencionais de vírgula. Ressaltamos que, a partir da observação do funcionamento desses usos de vírgula nos textos, fizemos, com base na hierarquia prosódica de Nespor e Vogel (1986), previsões sobre uma organização em constituintes prosódicos que seja preferencial nos textos analisados, o que equivale a dizer que, consideradas as características do modelo teórico adotado e ainda a natureza dos dados de escrita com os quais trabalhamos, a análise prosódica que apresentamos dos usos não-convencionais de vírgula, em especial no que diz respeito à divisão em constituintes prosódicos, não é categórica, ou seja, ela é uma possibilidade prevista pelo modelo prosódico e endossada pela observação do funcionamento do texto dos quais as vírgulas fazem parte, no entanto, não é a única.

Num primeiro momento, observamos em que medida os usos não-convencionais de vírgulas estariam condicionadas a fronteiras prosódicas. Para ilustrar o resultado a que chegamos, apresentamos a tabela seguinte.

**Tabela 1: Usos não-convencionais de vírgula e fronteiras prosódicas**

Usos não-convencionais de vírgula	Ocorrências
Relacionados à fronteira prosódica	185 (93,4%)
Não relacionados à fronteira prosódica	13 (6,6%)
<b>Total</b>	198 (100%)

De acordo com a Tabela 1, observamos o alto percentual de vírgula em fronteira prosódica, tal resultado ressalta a relevância de fronteira prosódica para a colocação de vírgulas, inclusive em posições não reconhecidas pela convenção gramatical. Desse modo, no *cópus* analisado, os usos não-convencionais de vírgula estão condicionados a limites de unidades prosódicas relevantes para a representação fonológica do PB. Com esse resultado, confirmamos o que tínhamos como hipótese inicial de pesquisa: os usos não-convencionais de vírgula coincidem com fronteiras de constituintes prosódicos.

De modo a avaliar a precisão e a abrangência desse resultado bem como a possibilidade de fazer generalizações a partir dele, lançamos mão do teste estatístico não-paramétrico Wilcoxon, pois os dados não apresentaram distribuição normal, critério relevante para a seleção de testes paramétricos. Nesse teste, que comparou duas variáveis dependentes, a saber, coincidência e não-coincidência dos usos não-convencionais de vírgula com fronteiras prosódicas, obtivemos o valor  $p = 0,0000$ . Uma vez que o valor de significância adotado foi  $\alpha = 0,05$ , o condicionamento de fronteira prosódica para a colocação de vírgulas é estatisticamente relevante, não sendo esse resultado devido ao acaso na amostra analisada. Desse modo, as vírgulas não-convencionais são quase categoricamente condicionadas por fronteiras prosódicas.

Considerando, portanto, que os usos não-convencionais de vírgula estão condicionados a limites de unidades prosódicas, passamos a investigar, num segundo momento, quais unidades são essas e, além disso, quais tipos de eventos tonais, frequentes nessas unidades, as vírgulas poderiam indiciar nos textos escritos.

Nos textos analisados,  $\phi$  e  $I$  foram os constituintes prosódicos com que os usos não-convencionais de vírgula se relacionaram. A frequência relativa da coincidência entre



a posição das vírgulas e os domínios e/ou limites dos constituintes prosódicos é explicitada na Tabela 2.

**Tabela 2: Uso não-convencional de vírgula e tipos de fronteiras prosódicas**

Posição da vírgula	Ocorrências
Em fronteira de <i>I</i>	173 (87,3%)
Em fronteira de $\phi$	12 (6,1%)
No domínio de $\phi$	13 (6,6%)
<b>Total</b>	198 (100%)

Em (1), (2) e (3), apresentamos ocorrências que são, respectivamente, exemplos de vírgula em fronteira de *I*, em fronteira de  $\phi$  e no domínio de  $\phi$ .

- (1) [Com o aumento da poluição em todo o mundo,]I [os países querem a internacionalização da Amazônia,]I [e falam que o povo brasileiro não consegue cuidar do nosso patrimônio.]I (8A\_16\_02)
- (2) [Pode acontecer que]I [se (se) $\phi$  (cada um)  $\phi$  (de nós)  $\phi$ ]I [(seres humanos)  $\phi$ ]I [(jogarmos,)  $\phi$  (um papelzinho)  $\phi$  (aqui)  $\phi$  (outro)  $\phi$  (ali,)  $\phi$ ]I [eles vão para o mesmo lugar.]I (8A\_05\_05)
- (3) [(Os seres humanos) $\phi$  (tem consciencia) $\phi$  (que o efeito global) $\phi$  (esta) $\phi$  (próximo) $\phi$ ]I [(e sabem) $\phi$  (que ele) $\phi$  (pode acabar) $\phi$  (com o nosso, planeta,)  $\phi$ ]I [é nos]I [seres humanos,]I [tem a inteligência de saber que isso pode acabar com nosso planeta,]I [com as nossas cidades litorâneas]I [e outras cidades.]I (8A\_16\_05)

Das duas possíveis fronteiras prosódicas, fronteiras de  $\phi$  e de *I*, observamos a tendência de os usos não-convencionais serem condicionados majoritariamente pela fronteira de *I* (como no exemplo 1). No entanto, nossa análise qualitativa não descarta a relevância dos usos não-convencionais de vírgula em fronteira e no domínio de  $\phi$  (exemplos 2 e 3, respectivamente), uma vez que, por adotarmos o paradigma indiciário, assumimos que os dados singulares podem nos revelar fenômenos linguísticos significantes e, mais ainda, podem mostrar aquilo que é geral na particularidade dos dados episódicos.

Desse modo, a partir da Tabela 2, verificamos que os usos não-convencionais de vírgula, ao serem relacionados a  $\phi$  e *I*, são mais estáveis quando se relacionam com um constituinte mais alto da hierarquia prosódica, neste caso com a *I*, e menos estáveis quando se relacionam com um constituinte mais baixo da hierarquia, neste caso  $\phi$ . Em termos de organização prosódica, a estabilidade/instabilidade estaria relacionada com o tipo de informação que é necessária de outros componentes da gramática para a definição desses constituintes. *I*, por ser um constituinte mais alto, precisa de informação menos específica, como informações de base semântica que podem alterar o nó mais proeminente desse constituinte e, desse modo, alterar as suas fronteiras juntamente com a atribuição de pausas e de contornos entoacionais. Nesse caso, as vírgulas relacionadas a esse constituinte podem ser tomadas com indícios dessa organização mais genérica dos enunciados e, por esse motivo, se mostram como mais estáveis. Por sua vez,  $\phi$  é um constituinte que necessita de informações morfossintáticas mais específicas, como a noção de recursividade de uma língua. Desse modo, as vírgulas relacionadas a este constituinte são evidências de uma percepção particular e refinada da atuação de fatores linguísticos menos amplos.

A distribuição dos dados nesses constituintes, de certo modo, seguiu as possibilidades da descrição prosódica do PB, dados os resultados de Tenani (2002) e de Fernandes (2007). Tenani (2002) constatou que, em sentenças neutras, enquanto a fronteira de *I* é marcada por um tom de fronteira, a fronteira de  $\phi$  não tem essa característica, nem é marcada por acento frasal. Há evidências de acentos frasais relacionados a fronteiras de  $\phi$  apenas em contextos de focalização (cf. FERNANDES, 2007). Faz-se, portanto, uma relação entre os resultados de Tenani (2002) e (i) a alta frequência dos usos não-convencionais de vírgula na fronteira de *I*, pois esses usos são motivados pela percepção de eventos tonais que caracterizam essa fronteira no PB; (ii) a baixa frequência de vírgulas em fronteira de  $\phi$ , pois, nessa posição, não foram encontradas evidências de eventos tonais que marcam fronteiras mais perceptíveis, como o acento frasal; (iii) a baixa frequência de vírgula no domínio de  $\phi$ , pois, nesse domínio, de acordo com a análise de dados de fala controlada de sentenças neutras, não é possível a ocorrência nem de tom de fronteira nem de acento frasal, pois esses eventos tonais só podem ocorrer em contexto de fronteira prosódica.

A menor frequência de usos não-convencionais na fronteira e no domínio de  $\phi$  remetem, desse modo, a uma organização prosódica peculiar que pode evidenciar acentos tonais – e não frasais – em palavra cabeça ou em palavra não-cabeça de  $\phi$ . Há também a possibilidade de as vírgulas colocadas em fronteiras de  $\phi$  estarem relacionadas à focalização de elementos da sentença e, nesse caso, a marcação dessas  $\phi$ s, assim como acontece no domínio de *I*, leva em consideração informação semântica. A aproximação das vírgulas não-convencionais na fronteira e no domínio de  $\phi$  com os acentos tonais em palavras cabeça e não-cabeça de  $\phi$  encontra base em Fernandes (2007), a qual observou (i) a facultatividade de acentos tonais associados a palavras não-cabeça de  $\phi$ , que, nos dados analisados, podem estar relacionados com as vírgulas empregadas no domínio de  $\phi$  e (ii) a obrigatoriedade de acentos tonais associados a palavras cabeça de  $\phi$ , que, nos dados analisados, podem estar relacionados com as vírgulas empregadas na fronteira de  $\phi$ .

Com os próximos exemplos, passamos a apresentar a que eventos tonais as vírgulas nas fronteiras de *I* e  $\phi$  e no domínio de  $\phi$  são tomadas como indícios. Para fazer essa interpretação dos dados, partimos das descrições de Tenani (2002) e Fernandes (2007). O exercício que fazemos neste ponto da análise é verificar, por meio da relação constituinte prosódico/evento tonal – indiciada pelo uso não-convencional de vírgula –, a que tipo de informação de natureza prosódica o escrevente pode estar se ancorando por meio de sua percepção daquilo que produz na língua, tanto no modo de enunciação falado quanto no modo de enunciação escrito, uma vez que os assumimos como constitutivos um do outro. De nossa perspectiva, essa análise parece evidenciar o caráter processual da escrita, pois, para construir seu texto escrito, o escrevente se baseia na produção e na percepção dos enunciados falados nas mais diferentes práticas orais/faladas em que se insere, além de se basear em outras representações que tem da escrita.

A Tabela 3 sintetiza os eventos tonais que identificamos para as vírgulas coincidentes com fronteira de *I*.

**Tabela 3: Eventos tonais relacionados às vírgulas em fronteira de *I***

Contexto prosódico	Eventos tonais	Ocorrências
Fronteira de frase entoacional ( <i>I</i> )	Tom de fronteira	154 (89,0%)
	Foco prosódico	19 (11,0%)
	<b>Total</b>	<b>173 (100%)</b>

Em maior frequência, as vírgulas em fronteira de *I* indiciam a possibilidade de realização de um tom de fronteira. De acordo com Tenani (2002), no PB, há um tom de fronteira com final ascendente em *Is* não-finais quando uma sentença neutra é formada por mais de uma *I*. Esse tom de fronteira é caracterizado por um contorno medial continuativo que associa um tom levemente ascendente (H%) à fronteira direita de *I*. A ascendência do tom de fronteira pode ser acompanhada de pausa; além disso, a percepção de uma extensão média e/ou longa auxilia na identificação das fronteiras de *I* e, conseqüentemente, na atribuição de tons de fronteira. As vírgulas relacionadas a tom de fronteira são, da perspectiva de Cagliari (1989), vírgulas cuja função é marcar um tom suspensivo; já, na perspectiva de Chacon (1998), essas vírgulas criam no leitor uma sensação de expectativa para a continuidade do enunciado e não para o seu término, de tal modo que, por meio da delimitação de unidades, um jogo rítmico é construído baseando-se na satisfação de expectativas criadas devido à seqüência de unidades com tom suspensivo. Um exemplo de vírgula como sinalizadora de um tom de fronteira é apresentado a seguir.

- (4) [Acredito que uma pessoa que fica na frente do computador conversando todos os dias,]I [tenha grande dificuldade na hora de produzir um texto,]I [pois saberá diferenciar uma língua da outra.]  
I (8A\_20\_04\_15)

Em (4), a vírgula delimita uma estrutura sintaticamente complexa: há três orações encaixadas na oração matriz “Acredito” e esses encaixes formam o sujeito oracional da oração seguinte, a qual está precedida por uso de vírgula não-convencional. Devido a essa complexidade sintática e, ainda, devido à longa extensão do período, tons de fronteira são comumente usados de modo a sinalizar a segmentação do período em partes. Nesse contexto, a vírgula indicia um tom de fronteira, com final ascendente, caracterizando um contorno medial continuativo, uma vez que não se trata de *I* final de enunciado, e há, ainda, possibilidade de pausa considerando o peso fonológico (caracterizado também em termos de complexidade sintática) da *I* delimitada pela vírgula.

Conforme mostra a tabela 3, além de evidenciar tom de fronteira, as vírgulas em fronteira de *I* podem, em menor frequência, ser tomadas como indício de foco prosódico em elementos à esquerda da vírgula. De acordo com Nespor e Vogel (1986), as *Is* alocam elementos focalizados e são esses elementos, carregados de informação semântica, que podem alterar a proeminência relativa de uma *I*, ou seja, o nó mais forte de uma *I* recai sobre o elemento focalizado quando essa *I* apresenta um contorno focalizador. O exemplo (5) traz uma ocorrência de vírgula que indicia foco prosódico.

- (5) [Ao contrário de um brasileiro comum ou normal,]I [eu sou a favor,]I [da internacionalização da Amazônia.]I (8B\_03\_02\_03)

Nessa ocorrência, a vírgula indicia a focalização da informação “ser a favor”, a qual é de fundamental relevância para o desenvolvimento argumentativo do texto. A projeção de um contorno entoacional focalizador, nessa ocorrência, possibilita a configuração de uma *I* cujo nó mais forte é o mais à direita, nó esse que recai sobre o acento de “a favor”. Nos termos de Chacon (1998), ocorrências como essas podem ser entendidas como um jogo rítmico de uma alternância percebida como prosódica, mas que é, na verdade, uma alternância prosódico-semântica.

Consideremos a Tabela 4 para caracterizar os eventos tonais relacionados à fronteira de  $\phi$ .



**Tabela 4: Eventos tonais relacionados às vírgulas empregadas em fronteira de  $\phi$**

Contexto prosódico	Eventos tonais	Ocorrências
Fronteira de frase fonológica ( $\phi$ )	Acento tonal em palavra cabeça de $\phi$	8 (66,7%)
	Foco prosódico	4 (33,3%)
	<b>Total</b>	12 (100%)

As vírgulas empregadas na fronteira de  $\phi$ , como mostra a tabela 4, evidenciam, prioritariamente, acentos tonais em palavra-cabeça de  $\phi$ . Essa interpretação toma ancoragem em Fernandes (2007), que verificou a obrigatoriedade de acentos tonais em palavra-cabeça de  $\phi$  e a facultatividade de acentos tonais em palavra não-cabeça de  $\phi$ . A percepção e a consequente marcação dos acentos tonais por meio da vírgula podem indiciar a tentativa de plasmar, no texto escrito, a alternância de tons *Low High Low High*, definida por Tenani (2002) como característica do PB, uma vez que acentos tonais são proeminências mais sutis quando comparadas a acentos frasais, por exemplo.

A ocorrência (6) apresenta vírgula não-convencional que indicia a possibilidade de acentos tonais em palavras cabeça  $\phi$ .

- (6) [(Pois) $\phi$  (somos adolescentes) $\phi$ ]*I* [(e todo adolescente) $\phi$  (gosta) $\phi$  (de diferenciar,) $\phi$  (algo) $\phi$ ]*I*.  
[Como de fato nosso “internetês”.]*I* (8A\_05\_04)

Em ocorrências desse tipo, o acento tonal, evidenciado pela vírgula, recai sobre o verbo palavra-cabeça de  $\phi$  e, ao mesmo tempo, núcleo do sintagma verbal do qual faz parte. A esse verbo liga-se um complemento, o qual pertence à  $\phi$  seguinte. As vírgulas, então, são colocadas no limite prosódico que segmenta verbo e complemento. Nesse limite, há a ocorrência obrigatória de acento tonal; desse modo, as vírgulas identificam, juntamente com a fronteira prosódica, alternância de tons no interior da sentença.

Além dos acentos tonais, os usos não-convencionais de vírgulas em fronteira de  $\phi$  podem ainda evidenciar proeminências mais perceptíveis que os acentos tonais, como o foco prosódico. O estatuto do foco prosódico, enquanto alternância prosódico-semântica, já foi explicitado no detalhamento da tabela 3; no entanto, há aqui a alteração do constituinte prosódico: o foco está no domínio de  $\phi$  e não no domínio de *I*. Devido a restrições sintáticas e fonológicas, não temos condições de afirmar que o elemento focalizado configure uma *I*, conforme propõem Nespor e Vogel (1986). Essa constatação leva-nos à assunção da análise proposta por Fernandes (2007), para quem, no PB, o foco prosódico está no domínio de  $\phi$ , diferentemente do que levam a entender Nespor e Vogel (1986), as quais afirmam que o processo de focalização implica a formação de uma *I*.

Propomos, portanto, ao analisar as ocorrências em que a vírgula indicia foco prosódico, que as propostas de Nespor e Vogel (1986) e Fernandes (2007) sobre o domínio prosódico caracterizado como contexto propício para a focalização não sejam vistas como excludentes. Ao contrário, os dados que analisamos parecem mostrar a possibilidade de ocorrência de foco tanto num domínio maior, como a *I*, quanto num domínio menor, como a  $\phi$ . O exemplo (7) traz uma ocorrência de vírgula que indicia foco prosódico na fronteira de  $\phi$ .

- (7) [(Essas) $\phi$  (são,) $\phi$ ]*I* [(algumas,) $\phi$  (das vantagens) $\phi$  (e desvantagens,) $\phi$ ]*I* [(que possui) $\phi$  (a minha escola.) $\phi$ ]*I* [Espero que tenha gostado,]*I* [grata pela atenção.]*I* (8C\_11\_03)

Em (7), não há condições que permitam afirmar que o termo focalizado prosodicamente, indiciado pelo uso da vírgula, reorganize as *Is* do período a fim de instaurar uma fronteira de *I*. Para fazer essa afirmação, levamos em conta toda a configuração prosódica do período, a qual foi, por sua vez, orientada pela colocação de todas as vírgulas empregadas e não apenas a vírgula sob análise neste momento. Desse modo, o determinante *algumas* não é anexado à *I* anterior [essas são], pois a presença de vírgula nessa posição indicia, ao mesmo tempo, reestruturação, se considerarmos que se projeta, no período, lenta velocidade de fala, e tom de fronteira. A *I* que se inicia com o determinante *algumas* termina com o nome *desvantagens*, o qual é seguido pela vírgula que marca essa fronteira. No período, há ainda a existência de outras duas *Is*. A vírgula que indicia, de nossa perspectiva, o foco no determinante *algumas* não tem condições de provocar uma fronteira de *I*, e, desse modo, não há a configuração de mais uma *I* no período, pois a sua existência implicaria, ao mesmo tempo, (i) a configuração de uma *I* muito curta, formada de apenas uma palavra fonológica ([algumas]) e (ii) a configuração de uma sequência de *Is* de diferentes tamanhos. Essas implicações não condizem com a proposta de Nespor e Vogel (1986) para a configuração de *Is*, pois, de acordo com as autoras, há uma tendência de rejeitar *Is* muito curtas e sequências de *Is* de diferentes tamanhos; tende-se, portanto, a estabelecer *Is* de tamanho aproximado, embora seja difícil precisá-lo (cf. NESPOR; VOGEL, 1986, p. 194). Desse modo, assumimos que, em ocorrências como (7), a focalização está no nível de  $\phi$ .

Consideremos, por fim, a Tabela 5, que sintetiza os eventos tonais relacionados ao domínio de  $\phi$ .

**Tabela 5: Eventos tonais relacionados às vírgulas no domínio de  $\phi$**

Contexto prosódico	Eventos tonais	Ocorrências
Domínio de frase fonológica ( $\phi$ )	Foco prosódico	3 (23,0%)
	Proeminência atribuída ao relator	2 (15,4%)
	Pausa para introduzir elemento focalizado	4 (30,8%)
	Hesitação	4 (30,8%)
<b>Total</b>		13 (100%)

Conforme mostra a Tabela 5, no domínio de  $\phi$ , os usos não-convencionais de vírgulas são indícios de hesitação, pausa para introduzir elementos focalizados, foco prosódico e proeminência atribuída ao relator oracional.

Nos casos em que a vírgula é pista de foco prosódico, temos mais uma vez evidências de que o foco não está necessariamente relacionado ao domínio de *I*, como observamos na análise de (8).

- (8) [Vim explicar a você o que á de bom á nossa escola e de ruim.]I [A escola Zulmira]I [por um lado]I [é boa]I [e por outro]I [é cansativa]I [e avezes]I [(muito, rígida) $\phi$ ]I [e acaba sendo chata.]I (8C\_15\_03)

No dado em (8), a vírgula dá pistas da projeção de foco prosódico no intensificador *muito*, colocado à esquerda do modificador *rígida*. Nesse dado, assim como em todos os outros dados de foco prosódico – seja nas fronteiras de *I* e de  $\phi$  ou no domínio de  $\phi$  – a vírgula evidencia o elemento focalizado à sua esquerda. Nessa mesma ocorrência, não podemos afirmar que o termo focalizado por meio da utilização da vírgula – o intensificador *muito*

– reorganize as *I*s do período de modo a configurar uma fronteira de *I* à sua direita. Uma justificativa para isso é a não-coincidência da vírgula com fronteira prosódica. Uma vez que a vírgula não-convencional está no domínio de  $\phi$ , não se torna possível que na posição da vírgula exista uma fronteira de *I*, pois nem mesmo uma fronteira de  $\phi$  é observada. A fronteira de *I* não se torna possível nem mesmo por reestruturação, uma vez que, de acordo com Nespor e Vogel (1986), sintaticamente, a reestruturação não acontece no interior de sintagmas, mas apenas em suas fronteiras. Desse modo, temos evidências da necessidade de se considerar também a possibilidade de foco prosódico no domínio de  $\phi$ , conforme propõe Fernandes (2007).

Os dois casos de vírgula que indiciam proeminência no elemento relator foram separados dos casos de vírgula que indiciam foco prosódico por uma particularidade. Em ambas as ocorrências, a conjunção *e* foi empregada embora a relação semântica estabelecida tenha sido diferente de uma relação de adição. Uma dessas ocorrências é apresentada em (9).

- (9) [(Em segundo lugar,)  $\phi$ ]I [(do lixo)  $\phi$  (que sempre)  $\phi$  (se acumula)  $\phi$  (em lugares abertos,)  $\phi$ ]I [(causando)  $\phi$  (vários tipos)  $\phi$  (de doenças)  $\phi$  (para a população)  $\phi$ ]I [(e, que pode)  $\phi$  (ser evitado)  $\phi$  (com sua reciclagem correta.)  $\phi$ ]I (8B\_09\_05)

Em (9), o relator *e* é usado para estabelecer uma relação de oposição. Nesses casos, parece haver projeção, no modo de enunciação escrito, de certa tendência do modo de enunciação falado, em especial daquelas práticas orais/faladas mais informais. Essa tendência é aquela da utilização do relator *e* para instaurar diversas relações de sentido, explorando, assim, a multifuncionalidade desse relator. Dessa forma, a fim de explorar as possibilidades semânticas desse relator, a vírgula seria indício da proeminência prosódica dada a ele quando não empregado para estabelecer uma relação de adição. Nesse caso, assim como nos outros casos de foco prosódico, tem-se uma alternância prosódico-semântica.

Por sua vez, as vírgulas que indiciam pausa para introduzir elemento focalizado também estão relacionadas com foco prosódico; no entanto, de maneira indireta. Em ocorrências desse tipo, os usos não-convencionais de vírgula antecedem os elementos focalizados; desse modo, os elementos focalizados estão à direita da vírgula e não à sua esquerda, como ocorre com os outros casos de vírgula em contexto de focalização já analisados. Nesses casos, no entanto, a vírgula não indicia diretamente o contorno focalizador, mas uma breve pausa que introduz o elemento focalizado à sua direita, como é possível observar a partir da análise da ocorrência em (10).

- (10) [(Também)  $\phi$  (temos)  $\phi$  (que lembrar,)  $\phi$ ]I [(que, a Amazônia)  $\phi$  (concentra)  $\phi$  (uma boa parte)  $\phi$  (de terra)  $\phi$  (aqui,)  $\phi$ ]I [(mas)  $\phi$  (não)  $\phi$  (“toda” a parte)  $\phi$  (aqui.)  $\phi$ ]I (8B\_03\_02)

No entanto, a análise de que a vírgula indicia uma pausa implica considerar a existência de uma fronteira de *I*, pois, de acordo com Nespor e Vogel (1986) a configuração fonológica de *I* se dá por meio de um contorno entoacional e da existência de pausas. No entanto, a fronteira de *I* parece ser inviável na posição em que se encontram as vírgulas, pois, em ambos os casos, tem-se a presença de um elemento clítico que, por não ser acentuado, deve ser anexado ou com a sequência fônica precedente ou com a sequência fônica seguinte. Desse modo, em (10), o elemento clítico forma com *a Amazônia* uma  $\phi$ , pois, antes dele, há um tom de fronteira associado à fronteira direita da *I* [também temos que lembrar]. A união do clítico à  $\phi$  precedente não seria permitida pelo fato de o elemento

estar do lado direito do núcleo do sintagma, lado recursivo do PB, uma vez que a  $\phi$ , em termos teóricos, engloba o núcleo sintagmático e o que a ele está ligado do lado não-recursivo da língua sob análise.

Temos, assim, nesses casos, evidências para considerar as vírgulas como indícios de pausa nos textos, mas provocamos, também, uma discussão teórica acerca da possibilidade dessas pausas em lugares onde a fronteira de *I* não é prevista pelo modelo fonológico adotado. Desse modo, temos uma diferença entre a previsão do algoritmo de formação de *I* e de  $\phi$  e a realização de eventos tonais, em especial a pausa, nesses constituintes, considerando as suas condições de formação.

Por fim, temos as vírgulas que evidenciam momentos de hesitação, como exemplificado em (11).

- (11) [Espero que você entenda o que eu escrevi,]I [(e o meu lado) $\phi$  (de entender) $\phi$  (sobre, essas coisas.)  
 $\phi$ ]I (8A\_17\_03)

A vírgula, nessa ocorrência, indicia o momento em que o sujeito parece hesitar ao tentar sintetizar o que escreveu em seu texto. O momento de hesitação, sinalizado pela vírgula, poderia ocorrer por meio do alongamento da vogal ou por queda brusca de frequência, a qual é interpretada como pausa. Ao sinalizar essa hesitação no texto escrito, a vírgula indicaria os conflitos mostrados de negociação entre o “eu” e os outros constituintes do seu dizer. Esse conflito é indiciado também pela utilização da expressão “essas coisas”, expressão bastante vaga, a qual mostra que, talvez, o sujeito, na negociação, não tenha encontrado a melhor expressão para o seu discurso.

Por meio da análise que apresentamos, procuramos expor as informações de natureza prosódica indicadas pelos usos não-convencionais de vírgula. Lembramos que essas informações são organizadas em função da construção do texto escrito pelos escreventes, considerando a representação que esses escreventes fazem da (sua) escrita. Desse modo, os sujeitos escreventes, ao representarem a escrita de certo modo e tomados pelo processo de enunciação em que se inserem, lidam com a multidimensionalidade da linguagem (CHACON, 1998) ao acreditarem que as vírgulas podem garantir sentidos construídos numa dimensão textual e enunciativa a partir de percepções prosódicas.

Nossa argumentação é aquela em favor de considerar que os usos não-convencionais de vírgula denunciam, na perspectiva do modo heterogêneo de constituição da escrita (CORRÊA, 2004), imaginários sobre a escrita, construídos sócio-historicamente. Desse modo, o sujeito escrevente, graças à sua constituição heterogênea possibilitada pelas mais diferentes práticas sociais da linguagem em que esteve inserido, é levado a construir representações sobre a escrita, observadas nos textos escritos por meio da ancoragem desse escrevente nos três diferentes eixos a partir dos quais é possível identificar a heterogeneidade da escrita. Particularmente, na análise apresentada, defendemos que a relação entre vírgulas, constituintes prosódicos e eventos tonais, reconstituída nos textos, é tomada como mais demonstrativa de momentos em que os sujeitos escreventes se ancoram no eixo de representação da gênese da escrita. No entanto, seguindo a proposta de Corrêa (2004), lembramos que esse eixo, assim como o eixo da representação do código escrito institucionalizado, só é possível devido à existência do eixo da dialogia com o já falado/escrito. Desse modo, as imagens construídas pelos sujeitos escreventes de que as vírgulas, na escrita, teriam condições de representar fielmente o oral só é possível graças às práticas

orais/faladas e letradas/escritas, inclusive as mais institucionalizadas, em que os escreventes estiveram inseridos<sup>3</sup>.

Portanto, neste artigo, apresentamos a análise dos usos não-convencionais de vírgula de modo a explicitar a quais características prosódicas do PB, já descritas em enunciados falados, as vírgulas podem remeter nos textos escritos e, desse modo, chamamos atenção para o caráter processual da escrita, pois fazer menção a essas características prosódicas necessariamente implica a ancoragem do sujeito por práticas sociais de linguagem, em especial aquelas do campo da oralidade, o que enaltece o retorno constante do sujeito às diferentes práticas por meio do eixo da dialogia com o já falado/escrito. Com essa argumentação, nos distanciamos da perspectiva que afirma existir “interferências” da fala na escrita e procuramos apresentar nosso intuito: aquele de contribuir com a compreensão da relação de constituição entre práticas sociais orais/faladas e práticas sociais letradas/escritas, mais especificamente por meio da especificidade da relação entre fonologia e escrita alfabética. A primeira, entendida e utilizada como meio de descrição da “língua” falada, e a segunda, tomada comumente como sistema autônomo – “a língua escrita” –, em nossa análise, são aproximadas (e por que não entendidas como constitutivas?), uma vez que assumimos, com Corrêa (2004), “fala” e “escrita” como modos de enunciação constitutivos de uma mesma língua.

## REFERÊNCIAS

CAGLIARI, L. C. Marcadores prosódicos na escrita. *Estudos linguísticos*, São Paulo, n. 18, p. 195-203, 1989.

CHACON, L. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 135-166.

CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERNANDES, F. R. *Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

JUN, S.-A. The Accentual Phrase in the Korean Prosodic Hierarchy, *Phonology*, v. 15, n. 2, p. 189-226, 1998.

<sup>3</sup> As práticas sociais de linguagem em que o sujeito não esteve inserido também são relevantes para a representação que se faz da escrita, em seus diferentes gêneros discursivos, pois toda ausência é tomada como significativa.



NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

ROCHA LIMA, L. H. da *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no Português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.